

GRAMATICALIZAÇÃO DE ORAÇÕES AVALIATIVAS COMPLETIVAS DO VERBO *ACHAR*

Ana Caroline de Lima Parreira¹

Resumo: O trabalho proposto aborda as predicções não-verbais reduzidas avaliativas encaixadas no verbo *achar*, como “Acho [essa cadeira confortável / confortável essa cadeira]”, com o objetivo de discutir o estatuto da predicação encaixada, do ponto de vista da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; LEHMANN, 1988). A análise quantitativa de amostras do português falado no interior paulista selecionadas do banco de dados Iboruna (GONÇALVES, 2007) revelou que o emprego das predicções não-verbais reduzidas sinaliza uma avaliação do falante decorrente de sua experiência direta com a fonte da avaliação, ao passo que as desenvolvidas indicam uma avaliação pautada em uma experiência obtida indiretamente pelo falante. Com base na análise comparativa das predicções não-verbais reduzidas e desenvolvidas, verificou-se que as construções reduzidas são estruturas mais integradas do que as desenvolvidas, o que culminou na elaboração de um *continuum* de gramaticalização a partir da escala proposta por Lehmann (1988).

Palavras-chave: Orações completivas. Gramaticalização. Dessentencialização.

Abstract: The proposed work addresses the non-verbal predication embedded in the verb *to think*, as in "I think [this chair to be comfortable]", aiming to discuss the status of embedded predication, from the point of view of grammaticalization (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; LEHMANN, 1988). Quantitative analysis of samples of Portuguese spoken selected in Iboruna database (GONÇALVES, 2007) showed that the employment of non-verbal predicates reduced signals a speaker evaluation due to their direct experience with the source of the evaluation while expanded predication indicates an evaluation based on an experience obtained indirectly by the speaker. The comparative analysis of non-verbal predicates and developed attests that the reduced non-verbal predication are more integrated than expanded predication, which culminated in the development of a *continuum* of grammaticalization from the scale proposed by Lehmann (1988).

Keywords: Subordinated sentences. Grammaticalization. Dessententialization.

Introdução

Este artigo apresenta parte dos resultados da minha dissertação de mestrado (PARREIRA, 2014) que teve como objetivo geral investigar o complexo oracional em que, em uma predicação avaliativa estruturada pelo verbo *achar*, encaixa-se uma predicação não-verbal reduzida, constituída por um predicador adjetivo avaliativo sem recurso à cópula, conforme apresentado em (1), ocorrência extraída do *corpus* desta pesquisa. Trata-se de um complexo oracional fortemente integrado do ponto de vista sintático, semântico e pragmático, quando se contrasta esse tipo de predicação reduzida a sua contraparte desenvolvida, exemplificada em (2).

- (1) Doc.: é ele inibe... [Inf.: ((risos))] ah pode dá(r) sua opinião de tê::(r) grava::do como que é falá(r) com um gravador na 3[fre::nte]
 Inf.: [ah]... não **eu acho interessante assim:: a a pesquisa** né? pra fazê(r)... mas AI de(i)xa a gente um po(u)co inibido assim o gravador (na mão) ((risos) às vezes a gente sabe assim das coisa mas não num consegue expor assim falá(r) por causa dele... mas é legal... foi bom participá(r) (AC - 044, 261) ¬¬,

(2) **eu acho que a pesquisa é interessante / é interessante a pesquisa**

Por meio da investigação de dados reais de fala extraídos do banco de dados Iboruna, organizado pelo Projeto ALIP (GONÇALVES, 2007), este trabalho objetiva ampliar as

¹ Doutoranda da Universidade Estadual Júlio Mesquita (UNESP), Campus de São José do Rio Preto.

descrições disponíveis acerca do estatuto de predicções não-verbais encaixadas, considerando a existência de orações reduzidas sem cópula um tipo mais dessentencializado do que aqueles tradicionalmente reconhecidos como orações infinitivas, hipótese investigada nesta pesquisa e que toma por base a proposta de gramaticalização de orações, tal como postulada por Lehmann (1988).

1. As predicções não-verbais segundo a abordagem funcionalista

Hengeveld (1992), em um trabalho que trata especificamente das predicções não-verbais, assinala que todas as construções que apresentam ou não a cópula podem ser consideradas membros da classe das predicções não-verbais. Para o autor, os diferentes tipos de predicções não-verbais devem apresentar o seguinte formato geral, cuja ordem dos constituintes pode variar e não é relevante para a definição geral de predicção não-verbal

(3) Argumento(s) (Cópula) Predicado_v

Desse modo, *predicção não-verbal* é definida por Hengeveld (1992, p. 26) como a aplicação de um predicado não-verbal a um número apropriado de argumentos. Esse termo, ainda segundo o autor, é usado para referir-se a todas as construções com um predicado principal não-verbal independentemente de esse predicado apresentar ou não cópula.

Para Dik (1997, p. 198), a presença do verbo-cópula em uma predicção não-verbal exerce apenas a função de codificar as noções de tempo, modo e aspecto restritas aos verbos em predicções verbais, não constituindo, portanto, núcleo da predicção, aspecto que permite caracterizá-la, também desse ponto de vista, como *não-verbal*.

Hengeveld (1992) elenca alguns critérios para a identificação do estatuto de um predicado principal de uma predicção não-verbal. O primeiro critério apresentado pelo autor refere-se à *seleção de argumentos*, uma vez que, em predicções não-verbais, é o predicado não-verbal que impõe restrições de seleção sobre os argumentos, e não a cópula. Observem-se, a esse respeito, os exemplos abaixo, traduzidos do autor:

(4) a. Sheila is ill. ‘Sheila está doente.’
b. * This table is ill. ‘*Esta mesa está doente.’

(5) a. *Sheila is round. ‘*Sheila é redonda.’
b. This table is round. ‘Esta mesa é redonda.’

(HENGEVELD, 1992, p. 29)

Como pode ser notado, a propriedade *doente* em (4) não pode ser aplicada a argumentos inanimados, do mesmo modo que a propriedade *redondo* em (5) não pode ser aplicada a argumentos animados.² Esses exemplos mostram que é o predicado não-verbal que comanda as restrições quanto ao tipo de argumento.

Já o segundo critério apresentado pelo autor consiste na *valência do predicado não-verbal*, pois é ele que determina o número obrigatório de argumentos que devem estar contidos na predicção. Observem-se os seguintes exemplos:

(6) This book is fascinating.
‘O livro é fascinante.’

² Em português, no entanto, a propriedade *redondo* pode ocorrer com argumentos animados quando apresenta um sentido figurado, como em “Maria está redonda.” em alusão ao fato de Maria estar acima do peso.

(7) a. This book is identical to that one.

‘O livro é idêntico àquele outro.’

b. *This book is identical.

‘*O livro é idêntico.’³

(HENGEVELD, 1992, p. 29)

Nas sentenças apresentadas em (6) e (7), o adjetivo *fascinante* demanda apenas um argumento, ao passo que o adjetivo *idêntico* exige dois argumentos, já que estabelece uma relação de comparação. Note-se que, em ambas as construções, os adjetivos estão combinados pela cópula, porém o que determina a restrição quanto ao número de argumentos é o predicado não-verbal, e não a cópula.

Desse modo, verifica-se que, nesses exemplos, a cópula não determina o significado da sentença, funcionando apenas como um elemento portador de categorias próprias de verbos, como tempo, modo e aspecto. Com base nesses critérios, Hengeveld (1992) conclui que o predicado não-verbal é o predicado principal de predicções não-verbais, e a cópula usada nessas predicções não constitui, portanto, o predicador principal nesse tipo de construção, em que exerce apenas a função de suporte da sentença.

2. Gramaticalização de orações complexas

Para tratar do tipo de predicção aqui considerado, faz-se necessário abordar o processo de gramaticalização, que tem por base os estudos empreendidos por Hopper e Traugott (2003). Os autores assinalam que a formação inicial de uma oração complexa envolve a combinação de dois núcleos separados e autônomos mutuamente relevantes em uma estrutura mais integrada. Os autores utilizam-se da combinação dos traços [dependência] e [encaixamento] para propor o *continuum*, reproduzido em (8), que demonstra os diferentes graus de integração entre orações.

(8) *Continuum* da combinação de orações

	Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

(HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 170)

Considerando as propriedades explicitadas acima, tem-se que a *parataxe* se caracteriza pela relativa independência e integração mínima entre as orações, ao passo que a *hipotaxe* revela uma relativa independência e um grau intermediário de integração. A *subordinação*, por sua vez, caracteriza-se pela total dependência e integração máxima entre as orações.

³ O adjetivo “idêntico” requer dois argumentos apenas quando está no singular, já que é preciso duas entidades para que se estabeleça uma relação de comparação. Por esse motivo, a sentença apresentada em (5b) é agramatical. No entanto, é possível, na língua portuguesa, a ocorrência de uma sentença como “Os livros são idênticos” e neste caso não há agramaticalidade, uma vez que o adjetivo que predica a construção está no plural e exige apenas um argumento que também deve estar no plural, visto que pressupõe uma comparação entre duas entidades.

Na gramaticalização e dessentencialização de orações, Lehmann (1988) admite que haja orações mais gramaticalizadas (ou mais integradas) do que outras, propondo um *continuum* de sentencialidade. A depender do grau de sentencialidade da oração subordinada, ela pode apresentar-se forte ou fracamente integrada a um núcleo, que pode, inclusive, tomar como margem uma construção reduzida ao grau máximo de dessentencialização, representado pelos casos de nominalização, como mostra o esquema em (9).

(9) *Continuum* de sentencialidade

Sentencialidade	<----->	Nominalidade
oração finita <	oração não-finita <	nominalização
integração fraca <	integração média <	integração forte

(LEHMANN, 1998, p. 200)

Esse *continuum* de dessentencialização proposto por Lehmann (1988) pode ser atestado com grande frequência no processo de GR de orações. Especificamente para as orações completivas, a dessentencialização pode atingir uma oração finita quando o verbo dessa oração passa a ser expresso em sua forma não-finita, como mostra (10b), o que pode resultar no grau máximo de dessentencialização, quando essa oração apresenta-se completamente nominalizada, como mostra (10c).

- (10) a. João viu que Maria chegou.
 b. João viu Maria chegar.
 c. João viu a chegada de Maria.

3. Procedimentos Metodológicos

Em virtude da natureza da pesquisa, foram analisadas ocorrências em contextos reais de uso, coletadas no banco de dados Iboruna, organizado pelo Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). Para a coleta dos dados desta pesquisa, em um primeiro momento, foi composta uma subamostra do banco de dados com os inquiridos em que foi possível identificar ocorrências de predicções reduzidas e desenvolvidas.

Em um segundo momento, todas as ocorrências encontradas foram submetidas a uma análise quantitativa dos dados por recurso ao programa estatístico Goldvarb X, com base nos seguintes parâmetros: a) **de ordem morfossintática**: forma da entidade avaliada; ordem do elemento avaliativo em relação à entidade avaliada; forma do avaliativo; pessoa gramatical; tempo e modo do verbo achar; concordância nominal entre o avaliativo e a entidade avaliada e presença/ausência de material interveniente; b) **de ordem semântica**: categoria semântica da entidade avaliada; c) **de ordem pragmática**: estatuto informacional do referente avaliado; d) **de ordem discursiva**: tipo de texto. Na sequência, apresento os resultados com base nos parâmetros que foram mais significativos para a confirmação da hipótese de integração elaborada para as construções em estudo.

4. Resultados

Com base nos resultados quantitativos obtidos pelo programa estatístico Goldvarb, pode-se afirmar que a primeira evidência de que as predicções reduzidas constituem um estágio mais gramaticalizado do que a sua contraparte desenvolvida é a frequência total de ocorrência dos dois tipos de predicção, conforme os dados na tabela 1.

Tabela 1: Frequência das predicções desenvolvidas e reduzidas no *corpus* de análise

Tipo de predicção	Apl.	(%)
Predicções desenvolvidas	61	38
Predicções reduzidas	99	62
Total	160	100

Os dados percentuais dispostos na tabela permitem verificar que as orações reduzidas no *corpus* investigado ocorrem com uma acentuada frequência em relação às desenvolvidas, o que constitui um forte indício para a comprovação da hipótese de que as predicções não-verbais avaliativas reduzidas encaixadas no verbo *achar* (doravante PNVRA) são construções mais gramaticalizadas do que as orações desenvolvidas.

A análise da frequência como um dos fatores característicos da GR é defendida, sobretudo, por Bybee (2003, p. 602), para quem o aumento da frequência de uso das formas e construções é resultante de um aumento nos números e tipos de contextos em que elas são empregadas. Dado o percentual obtido para as predicções reduzidas, é possível afirmar, com base na referida autora, que esse tipo de construção estaria em um estágio mais avançado de GR em relação ao tipo desenvolvido.

Uma maior frequência de emprego das construções reduzidas em detrimento das desenvolvidas também pode ser observada quanto ao parâmetro de análise *peessoa gramatical*, cujos resultados percentuais obtidos são apresentados na tabela 2.

Tabela 2: Frequência das predicções desenvolvidas e reduzidas segundo o parâmetro *peessoa gramatical*

Pessoa gramatical	Tipo de predicção				Total
	Predicções desenvolvidas		Predicções reduzidas		
	Apl.	%	Apl.	%	
1ª pessoa do singular	59/145	40.7%	86/145	59.3%	145/ 90.6%
2ª pessoa do singular	0/1	0%	1/1	100%	1/0.6%
3ª pessoa do singular	2/14	14.3%	12/14	85.7%	14/8.8%
Total	61/160	38%	99/160	62%	160/100%

Os dados da tabela revelam que, para os diversos tipos de pessoa do discurso, a 1ª pessoa do singular ocorre com uma frequência significativa em todo o *corpus*, com uma concentração maior de ocorrências de construções com predicções reduzidas, que representam quase 60% do total de orações levantadas para esse tipo de pessoa marcado no verbo *achar*. Esse resultado corrobora a hipótese inicial de que as predicções mais integradas seriam expressas na 1ª pessoa em virtude do valor pragmático desse tipo de construção.

Ferrari (2005), em seu estudo sobre a integração de construções epistêmicas completivas, como as mostradas respectivamente em (11) e (12), constatou que as construções epistêmicas mais integradas (como (12)) pressupõem uma experiência direta entre o sujeito e fonte da conclusão, realizando atos de fala expressivos; ao passo que as menos integradas, completivas prototípicas (como em (11)), indicam conclusões obtidas pelo sujeito na matriz por meio de uma experiência indireta, realizando atos de fala assertivos.

(11) Eu achei/considerarei/julguei que o livro era interessante.

(12) Eu achei/considerarei/julguei o livro interessante.

Essa constatação da autora pode ser verificada nos dados de orações reduzidas investigados neste trabalho, pois, ao se utilizar desse tipo de construção para expressar um julgamento, o falante (marcado no verbo pela 1ª pessoa gramatical) demonstra uma

experiência direta com o alvo da avaliação, obtida a partir de um conjunto de evidências que lhe estão disponíveis. De modo contrário, quando o sujeito falante não demonstra ter essa experiência com a entidade avaliada, opta por empregar uma construção desenvolvida a fim de modalizar ainda mais o seu julgamento. Observem-se os exemplos:

- (13) Doc.: A. você disse que qué(r) falá(r) sobre o Bush... qual é a sua opinião sobre ele o que que você acha do Bush?

eu acho que ele é um:: um:: cara:: éh::... muito:: laDRÃO que se acha o podeROso e que:: ele:: ele::... só qué(r) rique::za muito num se importa c'os outro... qué(r) guerra qué(r) guerra e como ele é um... ele é... como ele é coisa de país de prime(i)ro MUNdo... ele tem poder pra podê(r) fazê(r) isso acontecer né?... aí:: ele tem lá aquela história que ele que pegá(r) o petró::leo lá do (mundo) aí ele de/ lá do:: lá daquela Ará/ Arábia eu acho (AC - 001, 274, RO)

- (14) Inf.: [é] (inint.) que eu esqueci que... eu acho que e ele também esCONde o que ele faz do povo americano eu acho que ele fal/... porque minha mãe minh/ EU já morei no Estados Unidos um tempo lá... e minha mãe fez amigo lá aí ele/ aí ela contô(u) essa história lá do BUsh... e elas falaram que que o Bush conta um de um jeito totalmente difeRENte... [...]eu sei que eu num sô(u) uma (inint.) muito boa pra falá(r) isso (inint.) ((rindo)) mas... ele... ele... num dá pra explicá(r) ele é MUIto ruim... e::... **eu acho ele cínico né?**... hipócrita... e é essa a minha opinião opinião do Bush (AC - 001, 322, RO)

Ambos os excertos foram retirados do texto relato de opinião, em que o informante relata a sua opinião sobre o então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush. Em (13), tem-se o início do relato em que o informante já emite um julgamento sobre o presidente, utilizando-se para isso da estrutura de uma oração desenvolvida.

Como pode ser visto, o informante, ao empregar esse tipo de construção, está tomando como alvo de sua avaliação um componente externo, isto é, a visão geral que a maioria dos outros países tem sobre o presidente norte-americano e seu governo. Isso se verifica, principalmente, após o emprego dessa construção quando ele elenca uma série de justificativas para o fato de ele ser considerado um cara ladrão, tais como “ele só quer riqueza”, “ele só quer guerra”, “tem lá aquela história que ele que pegá(r) o petró::leo lá do (mundo)”. Trata-se, na verdade, de estereótipos vinculados ao presidente Bush que não indicam uma conclusão do falante feita a partir de uma experiência direta com o alvo da avaliação, mas uma visão geral de todos os não norte-americanos.

Dessa forma, o falante utiliza uma oração desenvolvida como um recurso que tem a função de marcar o seu descomprometimento com a verdade do julgamento que emite, isto é, a codificação da avaliação sob a forma de uma predicação desenvolvida representa iconicamente o distanciamento do falante em relação ao alvo da avaliação, ou de acordo com Ferrari (2005), codifica uma avaliação realizada com base em uma experiência indireta com a entidade avaliada, cujo valor pragmático seria próximo de uma sentença declarativa. Esse resultado também evidencia a atuação do princípio da *iconicidade diagramática* elaborado por Givón (1985), de modo que a integração sintática entre as orações do complexo oracional reflete a integração semântico-pragmática dos conteúdos codificados por elas.

O mesmo não se verifica no exemplo (14), retirado do final do relato de opinião, em que o falante emprega uma predicação reduzida. Nessa ocorrência, o falante demonstra ter uma experiência direta com o alvo da avaliação, uma vez que fica evidente pelo seu discurso que ele já morou nos Estados Unidos e sabe que lá Bush tenta mascarar os reais

acontecimentos do seu governo, o que faz com que o falante opte por representar linguisticamente o seu julgamento sobre o referido presidente na forma de uma oração reduzida, assumindo assim, segundo Ferrari (2005), um valor mais expressivo.

Constata-se, portanto, que o emprego de uma predicação desenvolvida ou reduzida está relacionado ao grau de experiência do falante com o que é avaliado, de modo que, ao tratar de assuntos mais próximos da sua experiência e de seu conhecimento, há uma tendência de que a avaliação sobre determinada entidade seja codificada sintaticamente sob a forma de uma oração reduzida, ao passo que uma oração desenvolvida é utilizada pelo falante como um índice linguístico de que sua avaliação está pautada em experiências obtidas indiretamente por ele.

Os resultados obtidos para a 3ª pessoa do singular mostram que as predicações reduzidas também são mais frequentes para esse tipo de pessoa em relação às desenvolvidas. Apesar de a porcentagem de predicações reduzidas na terceira pessoa ser grande, os números absolutos revelam que se tratam de poucas ocorrências, o que sugere haver uma tendência (e não um comportamento categórico) de que avaliações feitas pela 3ª pessoa, ou seja, quando o falante reporta a avaliação de outrem, também se realizem mais na forma de predicações reduzidas.

De qualquer modo, pode-se considerar que seja na 1ª pessoa seja na 3ª, a avaliação feita mais na forma de predicação reduzida reflete a experiência direta do referente sujeito na matriz, independentemente de este corresponder ao falante ou à 3ª pessoa, conforme evidencia o exemplo apresentado a seguir.

- (15) teve um dia que ela foi numa lanchonete... ela foi numa lanchonete... e assim por uma acaso ela viu ela viu um rapaz... agachado compran(d)o/ pegan(d)o acho que doce compran(d)o doce... pr'uma menininha... aí ela ficô(u) muito espantada com isso que ela gostô(u) muito... de tê(r) visto **ela achô(u) muito bonito a atitude de::le e tal...** (AC - 046, 166, NR)

A ocorrência em (15) demonstra que a forma sob a qual a informante apresenta a avaliação da sua mãe por meio de uma reduzida é uma estratégia da língua que indica que a avaliação relatada resultou de uma experiência obtida diretamente pelo referente sujeito (sua mãe, 3ª pessoa) com o alvo da avaliação (a atitude do rapaz), por isso expressa na forma de uma reduzida.

Também nesse último caso, observa-se que, se a informante reportasse a avaliação na forma de uma oração desenvolvida, “ela achou que a atitude dele foi muito bonita”, a expressividade, característica de uma experiência mais direta com o alvo da avaliação, não seria obtida, uma vez que, como aponta Ferrari (2005) o valor pragmático seria próximo de um ato de fala assertivo. Nesse sentido, as predicações reduzidas representam experiências mais próximas semântica e conceitualmente, que são por isso codificadas sintaticamente como mais integradas, assumindo, assim, um valor pragmático mais expressivo.

Nesse exemplo, fica claro que o grau de experiência com uma determinada situação é refletido na organização sintática da língua. Também a esse respeito, Givón (1985), em trabalho sobre a complementação verbal do inglês, propõe o *princípio da proximidade*, que determina que quanto mais próximos dois conceitos estiverem semântica ou funcionalmente, maior a tendência de eles serem expressos com maior adjacência e, assim, de modo mais integrado lexical, morfológica ou sintaticamente.⁴ De acordo com esse princípio, o modo de organização da estrutura da língua tende a refletir iconicamente o modo de organização da

⁴ O princípio é elaborado por Givón nos seguintes termos: “The closer together two concepts are semantically or functionally, the more likely are to be put adjacent to each other lexically, morpho-tactically or syntactically”. (GIVÓN, 1985, p. 202).

estrutura da experiência humana. Assim, consoante ao princípio proposto pelo autor, as PNVRA configuram construções mais gramaticalizadas do que as desenvolvidas, em razão da sua forte integração à matriz a que se ligam.

Ainda acerca da predominância da 1ª pessoa nas construções mais integradas, essa frequência revela especialização da forma da oração matriz da predicação reduzida. Essa afirmação está em conformidade com o *princípio de especialização* proposto por Hopper e Traugott (2003), que consiste no fato de que a redução das escolhas para expressar uma determinada função está relacionada ao aumento do grau de gramaticalização da forma empregada para o cumprimento da função.

Quanto ao parâmetro *tipo de texto*, averiguou-se que tanto as orações desenvolvidas quanto as reduzidas exibem frequência alta de ocorrência no relato de opinião, como mostra a tabela a seguir

Tabela 3: Porcentagem das predicações desenvolvidas e reduzidas segundo o parâmetro *tipo de texto*

Tipo de texto	Tipo de predicação				Total
	Predicações desenvolvidas		Predicações reduzidas		
	Apl.	%	Apl.	%	
Narrativa de experiência pessoal (NE)	5/25	20%	20/25	80%	25/15.6%
Narrativa recontada (NR)	3/21	14.3%	18/21	85.7%	21/13.1%
Descrição (DE)	3/16	18.8%	13/16	81.2%	16 10%
Relato de Procedimento (RP)	0/1	0%	1/1	100%	1/0.6%
Relato de opinião (RO)	50/97	51.5%	47/97	48.5%	97/60.6%
Total	61/160	38%	99/160	62%	160/100%

Os dados dispostos na tabela indicam que há um equilíbrio no percentual de ocorrências de desenvolvidas e reduzidas para o texto *relato de opinião*, visto que representam respectivamente 51.5% e 48.5%, do total de dados. Tais resultados, embora não possibilitem estabelecer uma distinção entre as construções no que tange à hipótese de integração, confirmam as conclusões obtidas por Cezario (2001) e Votre (2004), que constataram uma maior ocorrência de verbo *achar* com sentido de opinião em textos argumentativos. Assim, a alta frequência do verbo *achar* com sentido de opinião nesse tipo textual propicia o aparecimento de construções como as PNVRA.

Já os resultados obtidos para o tipo de texto *narrativa de experiência pessoal*, ainda que não sejam altos os totais de ocorrência, revelaram uma diferença significativa de comportamento entre as construções investigadas, pois, conforme mostra a tabela 3, do total de ocorrências para esse tipo de texto, 80% correspondem às predicações reduzidas enquanto apenas 20% às desenvolvidas. Esse resultado também indica que as predicações reduzidas são estruturas resultantes de gramaticalização a partir das desenvolvidas, uma vez que se verifica aqui a atuação do *princípio de especialização* (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), pois as predicações reduzidas estariam se especializando em contextos em que o falante relata uma experiência pessoal.

O mesmo princípio de especialização parece atuar também quando o falante emprega uma predicação reduzida para avaliar alguma entidade no relato de uma história que ocorreu com outra pessoa. Os percentuais obtidos para o tipo de texto *narrativa recontada*, ainda que baseados em número baixo de ocorrências, indicam esse comportamento, já que, do total de ocorrências analisadas para esse tipo textual, 85.7% referem-se às reduzidas e somente 14.3% às desenvolvidas.

É possível correlacionar tais resultados ao grau de experiência do sujeito avaliador, tal como proposto por Ferrari (2005). Ao verificar as ocorrências referentes aos tipos de textos *narrativa de experiência pessoal e narrativa recontada*, constatou-se que em todas elas o sujeito da matriz revela uma experiência direta com a situação avaliada, obtida por meio da visão, audição, etc., como mostram os exemplos seguintes.

(16) nós tinha ido... um passeio muito bom que a gente fez lá na...é::... na igreja do Divino Pai Eterno em Goiás... lá **achei muito linda aquela igre::ja...** tinha muita vontade de í(r) lá... (AC - 140, 25, NE)

(17) ah (eu vô(u) contá(r)) da minha irmã do cursinho também... a minha irmã conheceu um meni::no ela me contô(u) que conheceu um meni::no... lá no cursinho... [...] aí ela fica toda/ aí ela tava toda encantada c'o menino aí ela me conta que ele falô(u) que:: que **ele achô(u) ela boni::ta...** mas ele é mais novo que e::la ele mora em o(u)tra cida::de ((risos)) (inint.) ele é do sítio... (AC - 016, 106, NR)

Em (16), a informante, ao narrar uma história em que foi atacada por um cão, relata sua visita à igreja do Divino Pai Eterno na cidade de Goiás e utiliza uma PNVRA para emitir um julgamento sobre essa igreja. Nesse exemplo, o emprego desse tipo de predicação sob sua forma reduzida revela que a avaliação feita está baseada em uma experiência direta da informante com a igreja, e, por esse motivo, constitui uma realidade mais próxima da informante que, então, é codificada sintaticamente de modo mais integrado.

Já em (17), a informante, em sua narração sobre o pretendente de sua irmã, utiliza uma PNVRA a fim de relatar a avaliação do menino sobre a irmã dela. É possível observar que o emprego dessa construção evidencia uma experiência direta entre o sujeito da matriz e a fonte da conclusão, uma vez que resulta de um contato visual do garoto com a irmã da informante. Tanto a avaliação resultante quanto a reação emocional causada por esse contato são expressas por meio de uma oração reduzida, que representa, na estrutura morfossintática, essa relação direta entre falante e alvo da avaliação.

Outro critério de análise que comprova a hipótese de integração das PNVRA é a *presença de material interveniente* entre o complementizador e a cópula, nos casos de predicacões não-verbais desenvolvidas; e entre o verbo *achar* e a predicação encaixada, para os casos de reduzidas. Os resultados obtidos para esse critério podem ser observados na tabela 4.

Tabela 4: Porcentagem das predicacões desenvolvidas e reduzidas segundo o parâmetro *presença/ausência de material interveniente*

Presença/ausência de material interveniente	Tipo de predicação				Total
	Predicações desenvolvidas		Predicações reduzidas		
	Apl.	%	Apl.	%	
Ausência de material interveniente	55/150	36.7%	95/150	63.3%	150/93.8%
Presença de material interveniente	6/10	60%	4/10	40%	10/0.6%
Total	61/160	38%	99/160	62%	160/100%

Os dados percentuais obtidos comprovam a hipótese aventada para a investigação desse parâmetro de que a ausência de material interveniente é um indicativo de maior integração, pois evidenciam que as orações reduzidas são mais integradas às matrizes a que se

encaixam, haja vista que, das 99 ocorrências levantadas, 95 não apresentam material interveniente. Verificou-se que, quando há material interveniente, este sempre é uma expressão adverbial ou preposição (cf. (18)), mas nunca uma oração, que, por outro lado, encontra-se como material interveniente nas predicções desenvolvidas (cf. (19)).

(18) Nesse filme que ela... eu não me lembro não recordo o nome... é:: o PRÓprio Jesus Cristo nesse filme ele teve relações sexuais com marida/ Maria Madalena... diz que se chamava:: A *última tentação de Cristo*... aonde ela/ ele (a)cabô(u) caindo na tentação né? se desviando da/ da situação em si... e:: **eu achei assim muito... exagerada essa história** (AC - 026, 90, NR)

(19) então **eu acho assim que... essa qualidade de vida... que eu pude adquirir(r) nessa influência... religiosa... [Doc.: hum] é muito interessante...** é muito importante... de você HOje tem gente preocupado com sexta-fe(i)ra treze... com sexta-fe(i)ra treze... eu estô(u) is/ i/ in/ imensamente assim... é é é agrada que hoje é sexta-fe(i)ra treze... mas é o dia de Fátima... hoje é dia das aparições de Fátima... (AC - 114, 776, RO)

Como pode ser visto pelos exemplos apresentados, a possibilidade de inserção de uma oração complexa entre o complementizador e a cópula nas predicções desenvolvidas revela que a integração entre matriz e encaixada é fraca em virtude do distanciamento entre essas duas porções. Por sua vez, a não ocorrência de orações entre a matriz e a predicção não-verbal nas reduzidas indica que essas construções são mais integradas do que as desenvolvidas, pois são menos propícias à intervenção de um material complexo e mais extenso entre os conteúdos da matriz e encaixada.

Quanto ao critério *ordem do avaliativo em relação à entidade avaliada*, observou-se que, de um modo geral, o elemento avaliativo encontra-se posposto à entidade avaliada em ambas as construções, com um total de 73.8%. Esses e os resultados relativos à anteposição do avaliativo estão expostos na tabela 5:

Tabela 5: Porcentagem das predicções desenvolvidas e reduzidas segundo o parâmetro *ordem no elemento avaliativo em relação à entidade avaliada*

Ordem no elemento avaliativo em relação à entidade avaliada	Tipo de predicção				Total
	Predicções desenvolvidas		Predicções reduzidas		
	Apl.	%	Apl.	%	
Elemento avaliativo posposto	53/118	45%	65/118	55%	118/73.8%
Elemento avaliativo anteposto	8/42	19%	34/42	81%	42/26.2%
Total	61/16	38%	99/160	62%	160/100%

Como evidenciam os dados percentuais apresentados na tabela 5, a diferença entre os dois tipos de orações é verificada quando o elemento avaliativo é anteposto à entidade avaliada. Do total de dados em que há anteposição do avaliativo, 81% estão concentrados nas predicções reduzidas. Esse resultado também é indicativo de que as reduzidas são mais integradas do que as desenvolvidas, haja vista que a anteposição do avaliativo nas predicções reduzidas acarreta maior proximidade entre o predicado matriz e esse elemento e, conseqüentemente, maior integração da construção. Essa constatação remete ao *princípio da proximidade* elaborado por Givón (1985), que propõe que quanto mais integrados

conceptualmente estiverem dois conteúdos, maior a tendência de que eles sejam expressos de modo mais integrado sintaticamente.

Além de evidenciar uma integração maior entre matriz e encaixada, a anteposição, nas predicções reduzidas, confere uma maior expressividade à avaliação do sujeito falante se comparada ao seu efeito nas predicções desenvolvidas. Nesse tipo de oração, observa-se uma avaliação voltada para a identificação da entidade avaliada dentro de um grupo maior em que ela se insere, como mostra a comparação entre (20) e (21).

(20) Inf.: ah:: o Morumbi:: é tudo manSÃO né? meu... as casa lá pequena lá... as casa lá pequena lá o quarto já dá minha casa já né?... é enorme lá eu trabalhei::... de servente de pedre(i)ro lá no Morumbi... n/... na frente da Bande(i)rantes né?... com o dono da::... d'um dos dono da *Lorenzetti* né?... ele queria que fizesse... uma garagem lá pos carro dele lá e::... fui trabalhá(r) lá e **achei muito bonito assim aquele lugar lá::** tam(b)ém... extremamente é o(u)tro mundo né? (AC - 069, 185, DE)

(21) Doc.: e cê falô(u) asSIM do processo de seleção que é o vestibular né? que que cê pensa sobre (isso)?

Inf.: éh eu acho que num é:: a forma... éh:: num é a forma ideal de se selecioná::(r) mas eu também num/ num tenho nenhuma opinião formada sobre qual seria a forma ideal já que se tem que fazer essa seleção... éh::... porque o número de vagas éh é muito menor do que o número de interessados... éh... mas eu num tenho nenhuma opinião de como meLHORÁ(r) isso como/ como fazê(r) pra/ pra só que **acho que não é/ não é a forma ideal (realmente) o vestibular** (por que) por sê(r) uma avaliação feita em um dia só em... definições muito/ muito específicas (AC - 083, 351, RO)

Com relação ao critério *forma do avaliativo*, também se constataram resultados importantes para a comprovação da hipótese de integração das PNVRA, que estão expostos na tabela 6.

Tabela 6: Porcentagem das predicções desenvolvidas e reduzidas para o parâmetro *forma do elemento avaliativo*

Forma do elemento avaliativo	Tipo de predicção				Total
	Predicções desenvolvidas		Predicções reduzidas		
	Apl.	%	Apl.	%	
SA (Sintagma adjetival)	46/134	34.3%	88/134	65.7%	134/83.8%
SN (Sintagma nominal)	7/12	58.3%	5/12	41.7%	12/7.5%
SN + modificador	8/14	57%	6/14	43%	12 /8.8%
Total	61/160	38%	99/160	62%	160/100%

Conforme já era esperado, nas predicções não-verbais, tanto desenvolvidas quanto reduzidas, o avaliativo é expresso mais frequentemente sob a forma de um SA, o que pode ser explicado pelo fato de a categoria adjetivo ser a forma mais prototípica para a expressão de avaliação e de julgamento, se comparada, por exemplo, à categoria dos substantivos. No que respeita cada tipo de oração, verificou-se uma frequência maior para as reduzidas, que concentram pouco mais de 65% do total de ocorrências com esse tipo de avaliativo.

Tais resultados obtidos para o fator SA evidenciam que as reduzidas são construções mais integradas, principalmente, em comparação com os resultados obtidos para as formas SN e SN com modificador.

Para esses, a leitura da tabela 6 permite constatar que, nas construções desenvolvidas, o avaliativo é expresso com maior frequência por meio de SNs plenos e SN com modificador, que representam, respectivamente, 58.3% e 57% do total de ocorrências encontradas para esse tipo de avaliativo nas predicações desenvolvidas. Observem-se os exemplos:

- (22) NÃO TINHA VAGA... vaga de deficiente lota/ você liga pa polícia a polícia demora quaRENTa minutos pra vim num tá nem um pingo preocupado NÃO quando chega ainda é má vonta::de pa te atendê(r) **eu acho que tudo isso é preconceito...** (AC - 028, 154, RO)
- (23) e tudo o que se constrói eu acho que as pessoas constroem NA juventude... depois d'um período as coisas vão ficando mais difíceis ((música ao fundo)) **eu acho que a juventude é um período bastante importante...** (AC - 114, 617, RO)

Em (22), o SN pleno *preconceito* é utilizado pelo falante em função adjetiva para emitir sua avaliação sobre os referentes tratados em seu discurso, porém esse SN assume, na predicação desenvolvida, um valor mais descritivo do que avaliativo se comparado à função avaliativa e à expressividade dos SAs. Nas construções com SAs prototípicos, como a mostrada em (21), observa-se que o emprego desse tipo de sintagma reforça o caráter avaliativo e mais subjetivo da qualificação, visto que não se tem apenas uma avaliação voltada para a descrição conforme se observa em (22), mas sim uma avaliação que demonstra um maior envolvimento do falante com a qualificação.

O mesmo se observa em (23), em que o SN com modificador *período bastante importante* também é utilizado em função adjetiva para a avaliação da *juventude*. Nesse último caso também se verifica que os SNs com modificadores não têm a mesma expressividade de SAs avaliativos prototípicos, assumindo um valor mais próximo de identificação, uma vez que localizam um indivíduo ou evento dentro de uma classe maior. Assim, o estado-de-coisas *juventude*, dentre os diferentes períodos da vida, é identificado como um período bastante importante para o falante.

Os casos de SN com modificador evidenciam que, no processo de GR e dessentencialização das orações desenvolvidas, o SN (*um período*, por exemplo) pode ser apagado na oração reduzida, favorecendo maior integração. Esse apagamento é possível porque não descaracteriza a entidade avaliada (*a juventude*, em (23)), visto que a propriedade atribuída por esse SN (*um período* em (23)) não é definidora dessa entidade. Trata-se de uma propriedade mais geral cuja função é identificar um elemento em uma classe maior.

Constata-se, portanto, que a forma do avaliativo é mais uma evidência de que as predicações reduzidas constituem estruturas mais gramaticalizadas do que as desenvolvidas, já que, como foi mostrado, o SA é uma categoria mais prototípica para a expressão da subjetividade, característica inerente às predicações reduzidas, tipo em que essa categoria ocorreu com maior frequência.

Diante do exposto, é possível, à guisa de conclusão, propor um *continuum* de GR para essas construções a partir do elaborado por Lehmann (1988). Na referida proposta, elaborada para predicações *verbais*, o ponto focal não-finito caracteriza uma oração infinitiva cujo verbo perde os traços de tempo, modo e força ilocucionária, o que não se verifica nas predicações não-verbais aqui investigadas. Isso porque a redução do verbo *ser* nessas construções, em português, levaria a uma construção agramatical (cf. 24), diferentemente do que ocorre em outras línguas como, por exemplo, na língua inglesa em que a redução desse verbo é possível (cf. 25).

- (24) *Eu acho Maria ser inteligente.
 (25) *I think Mary to be intelligent.*

Desse modo, a trajetória de GR dessas construções pode ser ilustrada conforme o esquema apresentado em (26). Como pode ser visto, as predicções não-verbais desenvolvidas ocupam a posição inicial nesse *continuum*, uma vez que ainda se observa a presença do complementizador e da cópula, característicos de uma integração fraca entre o predicado matriz e a oração encaixada.

- (26) *Continuum* de GR das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*

Predicação não-verbal desenvolvida <i>achar</i> [que + [entidade avaliada] cópula + [avaliativo]]	>	Predicação não-verbal reduzida <i>achar</i> [avaliativo] + [entidade avaliada]
--	---	---

A perda do complementizador e da cópula, por meio do processo de dessentencialização, leva a uma construção mais integrada que mantém em seu domínio um SN e um predicador avaliativo, estabelecendo uma relação de predicação. O último ponto focal desse *continuum* compreende as orações reduzidas, dentre as quais as orações com avaliativo anteposto à entidade avaliada podem ser consideradas mais integradas do que aquelas em que o avaliativo está posposto, dada a proximidade desse elemento ao predicado matriz. Assim, as reduzidas cujo elemento avaliativo está posposto à entidade avaliada, apesar de serem menos integradas em relação às anteriores, ainda são mais integradas do que as desenvolvidas.

Ainda acerca do *continuum* proposto, os contextos com SNs identificadores e elemento avaliativo posposto poderiam constituir casos menos integrados da predicação reduzida e, assim, corresponder a estágios intermediários entre a forma desenvolvida e a completamente reduzida, de modo que a inclusão desse ponto intermediário resultaria no *continuum* mostrado em (27):

- (27) *Continuum* de GR das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* e seus pontos intermediários

Predicação não-verbal desenvolvida	>	Predicação não-verbal desenvolvida (SN identificador)	>	Predicação não-verbal reduzida (avaliativo posposto)	>	Predicação não-verbal reduzida (avaliativo anteposto)
<i>achar</i> [que + [entidade avaliada] cópula + [avaliativo]]		<i>achar</i> [[entidade avaliada (SN)] + cópula + [entidade identificadora (SN)] + [avaliativo]]		<i>achar</i> [[entidade avaliada] + [avaliativo]]		<i>achar</i> [avaliativo] + [entidade avaliada]
<i>acho que o PT é um partido imaturo</i>		<i>acho o PT um partido imaturo</i>		<i>acho o PT imaturo</i>		<i>acho imaturo o PT</i>

O último ponto focal do *continuum* apresentado não pode ser considerado como uma nominalização, conforme previsto em Lehmann (1988), visto que a natureza do verbo *achar* não permite que a proposição encaixada se reduza a uma entidade nominalizada, como ocorre com predicacões verbais. Observe-se o contraste entre (28) e (29):

- (28) a. Eu acho [**que o seu cabelo é lindo**].
b. *Eu acho [a lindeza do seu cabelo].
c. Eu acho [**lindo seu cabelo**].
- (29) a. Eu vi [**Maria sair**].
b. Eu vi [**a saída de Maria**].

Em (28), verifica-se que *a lindeza do seu cabelo* não é a contraparte nominalizada de *seu cabelo é lindo*, ao passo que, em (29), *a saída de Maria* corresponde à nominalização do evento *Maria sair*. Logo, o último ponto focal do *continuum* de GR das PNVRA corresponde a uma construção reduzida, estruturada sem o complementizador e a cópula, a qual mantém em seu domínio apenas dois constituintes: um predicador adjetival (*lindo*) e um constituinte não-oracional (*cabelo*), que estabelecem entre si uma relação de predicacão, uma vez que o predicado *lindo* assume como alvo de sua função predicativa o SN (*cabelo*). Desse modo, a estrutura em (28c) representa um caso de dessentencialização, marcado pelo apagamento do complementizador e da cópula, cuja consequência é a redução de grau de sentencialidade da predicacão encaixada que difere, no entanto, de predicacões verbais infinitivas encaixadas, como em (29a).

Conforme se aventou anteriormente, essa forte integração observada nas PNVRA é resultado da atuação do *princípio da proximidade* proposto por Givón (1985), que estabelece que quanto mais integrados estiverem conceptualmente dois conteúdos, maior a tendência de que essa integração se reflita no modo como esses conteúdos são codificados sintaticamente. Revela-se assim, também para o português, no tocante a completivas equivalentes a PNVRA, a atuação desse princípio, proposto por Givón como um provável universal cognitivo na estruturação de construções completivas.

5 Considerações Finais

Esta pesquisa teve por objetivo investigar as motivações sintáticas, semânticas e pragmáticas que levam os falantes a empregarem as predicacões não-verbais reduzidas encaixadas no verbo *achar* em detrimento das desenvolvidas.

A investigação das construções por meio de diferentes parâmetros de ordem gramatical, semântica e pragmática revelou que as orações reduzidas constituem de fato estruturas mais integradas em que se verifica maior grau de gramaticalização/integração entre matriz e predicacão completiva do que as orações desenvolvidas.

Conforme se ressaltou nas análises, as motivações semânticas e pragmáticas que determinam o emprego da predicacão reduzida em detrimento da desenvolvida estão relacionadas ao grau de experiência do falante com o alvo da avaliação. Constatou-se que, quando o falante demonstra uma experiência direta com a entidade avaliada, opta por codificar esse grau de experiência mais próximo na forma de uma oração reduzida. Já quando o sujeito não demonstra ter uma experiência com a situação enunciada, esse distanciamento em relação à entidade avaliada é codificado sintaticamente na forma de uma oração desenvolvida.

Desse modo, a comprovação da hipótese desta pesquisa de que as predicacões não-verbais reduzidas constituem construções mais integradas do que as desenvolvidas culminou na

elaboração de um *continuum* de GR para essas construções a partir da escala de GR proposta por Lehmann (1988) quando do tratamento da dessentencialização de orações complexas.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- CEZARIO, M. M. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- DIK, S. Complex and derived constructions. In: _____. *The theory of functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. Pt. 2.
- FERRARI, L. V. Integração conceptual em construções epistêmicas no português do Brasil. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005. p. 140-156.
- GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 187-222.
- GONÇALVES, S. C. L. Banco de dados iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista, 2007. Disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em: ago. 2014.
- HENGEVELD, K. *Non-verbal predication: theory, typology, diachrony*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.
- HOPPER, P., TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].
- LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995 [1982].
- VOTRE, S. J. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M.; MARTELORTTA, M. E. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004. p. 11-49.
- PARREIRA, A. C. L. *Gramaticalização de orações completivas do verbo achar*. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.